Museus universitários e cultura material: um breve panorama conceitual e deveres contemporâneos

University museums and material culture: a brief conceptual overview and contemporary responsibilities

Museos universitarios y cultura material: una breve visión conceptual y responsabilidades contemporáneas.

Carlos Augusto Ribeiro Jottag
Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
carlos.jotta@ufg.br

Vera Regina Barbuy Wilhelm
Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
vrbwilhelm@ufg.br

Resumo: O presente artigo pretende investigar as interseções entre museus universitários e cultura material, analisando como estas instituições se posicionam frente aos desafios contemporâneos. A pesquisa articula perspectivas teóricas de autores do campo da museologia e cultura material, demonstrando que objetos musealizados são agentes de relacionamento entre universidade e sociedade. O trabalho foi conduzido por uma análise bibliográfica da produção de conhecimento sobre o campo dos museus universitários com vistas a contribuir com as discussões contemporâneas. Os resultados demonstraram que deveres contemporâneos envolvem compromisso com pluralidade e a governança no âmbito institucional e social. Conclui-se que a convergência de políticas integradas e o reconhecimento de museus universitários como espaços de

Recebido em 3 de dezembro de 2025. Aceito em 30 de março de 2026.

produção de conhecimento emergem como condição fundamental para transformação institucional destas organizações no cenário museológico brasileiro.
Palavras-chave: Museus universitários. Cultura material. Coleções.

Abstract: This article aims to investigate the intersections between university museums and material culture, analyzing how these institutions position themselves in the face of contemporary challenges. The research articulates theoretical perspectives from authors in the fields of museology and material culture, demonstrating that musealized objects are agents of relationship between university and society. The work was conducted through a bibliographic analysis of the production of knowledge on the field of university museums in order to contribute to contemporary discussions. The results demonstrated that contemporary duties involve a commitment to plurality and governance at the institutional and social levels. It is concluded that the convergence of integrated policies and the recognition of university museums as spaces for the production of knowledge emerge as a fundamental condition for the institutional transformation of these organizations in the Brazilian museological scenario.

Key words: University museums. Material culture Collections

Resumen: Este artículo busca investigar las intersecciones entre los museos universitarios y la cultura material, analizando cómo estas instituciones se posicionan ante los desafíos contemporáneos. La investigación articula perspectivas teóricas de autores en los campos de la museología y la cultura material, demostrando que los objetos musealizados son agentes de relación entre la universidad y la sociedad. El trabajo se realizó mediante un análisis bibliográfico de la

producción de conocimiento en el campo de los museos universitarios con el fin de contribuir a las discusiones contemporáneas. Los resultados demostraron que las tareas contemporáneas implican un compromiso con la pluralidad y la gobernanza a nivel institucional y social. Se concluye que la convergencia de políticas integradas y el reconocimiento de los museos universitarios como espacios para la producción de conocimiento emergen como una condición fundamental para la transformación institucional de estas organizaciones en el panorama museológico brasileño.

Palabras clave: Museos universitários. Cultura material. Colecciones.

Introdução

As universidades, enquanto instituições dedicadas à produção, transmissão e difusão do conhecimento, acumulam ao longo de suas trajetórias um patrimônio material diverso. Instrumentos científicos, coleções didáticas, equipamentos de laboratório, acervos documentais e artefatos diversos constituem testemunhas tangíveis das práticas acadêmicas, das escolhas tecnológicas e das transformações epistemológicas que marcam a evolução do ensino e da pesquisa. Os museus universitários, instituições que custodiam este patrimônio, ocupam posição estratégica e por vezes singular no cenário museológico brasileiro e internacional, funcionando simultaneamente como espaços de preservação e ressonâncias de memórias institucionais.

A relevância científica e prática de compreender museus universitários situa-se em múltiplas dimensões. A primeira, se relaciona com as instituições que representam laboratórios vivos para reflexão sobre como conhecimento é historicamente produzido, quais exclusões marcam práticas científicas, e de que forma materialidade estrutura processos pedagógicos. A segunda, permeia a constituição dos recursos educacionais para comunidades locais e acadêmicas, mediando compreensões públicas sobre ciência, tecnologia e sociedade. E por fim, enfrentam desafios estruturais significativos como a escassez de recursos, falta de pessoal especializado, integração inadequada à missão institucional que compromete sua capacidade de cumprir funções estratégicas. Assim, investigar museus universitários é compreender os espaços museológicos específicos, bem como interrogar como as universidades gerenciam seus legados.

A literatura especializada sobre museus universitários e patrimônio cultural consolidou-se no Brasil com contribuições de

pesquisadores como Emanuela Ribeiro (2019), Fernando Bragança Gil (2005, Marta Lourenço, Ethel Handfas, Marcus Granato (2016), entre outros. Estes autores destacaram que museus universitários possuem características particulares que os diferenciam de instituições museológicas convencionais, caracterizando-se pela transversalidade disciplinar, pela heterogeneidade de acervos e pela inserção frequentemente marginal em estruturas administrativas universitárias. Ribeiro et al. (2019) enfatizam que museus universitários funcionam simultaneamente como espaços de salvaguarda de objetos e como ambientes promotores de diálogo entre conhecimento científico e sociedade, evidenciando sua relevância enquanto pontes para democratização do conhecimento. Contudo, a mesma autora identifica gargalo contemporâneo crítico. A ausência de políticas públicas e institucionais robustas dirigidas a estas instituições resulta em desafios estruturais de recursos financeiros, pessoal especializado e integração estratégica ao planejamento universitário.

Paralelamente, o campo de estudos de cultura material consolida-se como perspectiva teórica para compreensão de objetos como expressões de relações sociais, valores e sistemas simbólicos. Autores como Ulpiano Bezerra de Meneses (1986) redefiniram o papel dos objetos na pesquisa histórica e museológica, argumentando que cultura material constitui evidência primária e fonte autônoma de conhecimento, oferecendo acesso a dimensões indisponíveis em documentação textual. Daniel Miller (1987) e Arjun Appadurai (1986), por sua vez, desenvolvem teorias sofisticadas sobre agência dos objetos e trajetórias de vida social das coisas, permitindo compreender os museus como espaços onde a materialidade continua estruturando práticas e significados após a musealização. A despeito de contribuições significativas, observa-se uma lacuna importante onde poucos estudos articulam

de forma integrada perspectivas de cultura material com análise crítica de desafios contemporâneos de museus universitários.

Este estudo parte de questionamentos atuais que interrogam os museus universitários sobre os seus deveres e perspectivas contemporâneas nas relações com a sociedade. Assim sendo, o objetivo geral consiste em compreender as interseções teóricas e práticas entre museus universitários e cultura material, investigando como essas instituições se posicionam frente aos desafios de produção de conhecimento sobre seus acervos.

Nesse sentido, o presente artigo organiza-se através de estrutura que articula progressivamente fundamentos teóricos com análises de realidades contemporâneas. Inicialmente, apresenta-se caracterização institucional detalhada de museus universitários, descrevendo definições, configurações administrativas, desafios estruturais e potencialidades destes espaços. Em seguida, sistematizam-se perspectivas teóricas seminais sobre cultura material, demonstrando pertinência para compreensão de acervos universitários como documentos carregados de agência e significação múltipla. Subsequentemente, articula-se estas perspectivas com análise de intersecções entre cultura material, museologia e museus universitários, identificando responsabilidades contemporâneas de curadoria crítica, acessibilidade e pluralidade narrativa. Finalmente, sintetizam-se achados principais, discutem-se implicações para campo museológico e académico, e apontam-se possibilidades de investigação futura.

Não há, por parte destes autores, intenções de se esgotar o tema ou limitar as discussões a esse recorte. Espera-se, portanto, que este percurso analítico contribua para compreensão mais crítica e reflexiva de museus universitários, posicionando-os como instituições vinculadas à missão das universidades e como

espaços estratégicos de produção de conhecimento sobre ciência, memória e cultura.

2 Museus universitários: conceitos e funções institucionais

A vasta gama de estudos sobre museus universitários e a pluralidade de suas coleções situam-nos em um trajeto extenso de análises e investigações. Importa ressaltar que esta seção, embora sintética, constitui-se necessária para a compreensão do objeto de estudo deste artigo e sua inscrição no universo da museologia e do patrimônio cultural universitário. Portanto, este segmento não almeja esgotar a temática, nem problematizar exaustivamente os conceitos inerentes ao campo.

Os museus e as coleções universitárias são objeto de investigação sob as perspectivas da conservação, documentação e divulgação do patrimônio cultural vinculado à produção acadêmica e científica das instituições de ensino superior. A complexidade das práticas envolvidas nas ações de gestão previstas no Estatuto dos Museus (BRASIL, 2009) demanda articulações políticas e institucionais que proporcionem eficiência técnica adequada às demandas sociais, em sinergia com a comunidade acadêmica.

Para Ribeiro, Segantini e Granato (2019), estas instituições funcionam simultaneamente como espaços de salvaguarda de objetos e como ambientes promotores do diálogo entre o conhecimento científico e a sociedade. Esta perspectiva evidencia a relevância das coleções universitárias enquanto ponte entre a ciência e o público, contribuindo para a democratização do conhecimento.

Ainda que existam museus universitários representando diversas áreas do conhecimento, o que caracteriza este tipo

de instituição revelando sua complexidade gestacional é sua configuração institucional, o escopo de sua missão e suas políticas de gestão e administração (Ribeiro, 2013). Predominantemente, os museus universitários encontram-se vinculados ou inseridos no organograma institucional sob responsabilidade de departamentos, órgãos ou unidades cuja vocação não necessariamente se localiza no campo da memória e do patrimônio cultural.

Bragança Gil (2005) argumenta que os museus universitários possuem características específicas que os conformam mediante uma transversalidade do campo museológico. O autor ressalta que museus que abordam temáticas similares, como os etnográficos, operando em contextos distintos, a exemplo dos universitários, apresentam formações únicas de acervos (Gil, 2005). Esta particularidade decorre da dinâmica institucional universitária, onde os usos, as apropriações e os processos de musealização das coleções ocorrem de modo singular no ambiente acadêmico.

Complementarmente, Mendonça Júnior (2016) salienta que as coleções universitárias se caracterizam pela diversidade e pluralidade de tipologias objetais, abrangendo desde artefatos científico-tecnológicos até bens artísticos e culturais. Esta heterogeneidade reflete as distintas áreas do saber universitário, conferindo aos museus um papel estratégico na preservação da memória acadêmica e institucional. Assim, observa-se que tais espaços frequentemente transcendem a condição de meros repositórios, buscando reconstruir narrativas históricas que dialoguem com a evolução do ensino, da pesquisa e da extensão universitária.

Outro aspecto relevante concerne à constituição de coleções por não especialistas em museologia ou melhor, por profissionais altamente especializados em suas temáticas disciplinares, porém alheios à dinâmica museológica. Esta configuração engendra

conflitos de interesse e ruídos na conceituação teórica dos espaços. Um museu, conforme mencionado, responsabiliza-se pela salvaguarda e comunicação de acervos. Este ponto é nodal para o exercício de outras funções, como a extroversão, pesquisa e circulação de peças. Ao ingressarem em um museu, os objetos elevam-se ao estatuto de documento, transformando-se seu uso, função, classificação e documentação. Todo este sistema informacional passa a funcionar rigorosamente em função da organização, recuperação e utilização da informação nas ações museais.

Emanuela Ribeiro (2013) aponta a necessidade de fortalecimento das políticas públicas e institucionais dirigidas aos museus universitários como um gargalo contemporâneo. A autora sublinha desafios estruturais como escassez de recursos financeiros e humanos, além do desinteresse em integrar estas instituições ao planejamento estratégico universitário. Contudo, Ribeiro (2013) identifica o potencial destes museus em articular colaborações interdisciplinares e promover práticas inovadoras que reafirmam sua relevância tanto acadêmica quanto social, consolidando sua função no tripé de ensino, pesquisa e extensão.

Um exame aprofundado desta temática resultou na criação, por pesquisadores brasileiros vinculados a universidades, da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU). Conforme elucida Silva (2019), a RBCMU constitui iniciativa relevante para articulação entre museus universitários brasileiros. Focalizando reconhecimento, pesquisa e valorização de acervos e museus universitários, a rede articula fóruns e debates para promoção e popularização do conhecimento temático. Objetiva fortalecer boas práticas de gestão e preservação de acervos, consolidando a identidade destes espaços como ambientes de formação, pesquisa e extensão. Assim, a constituição de redes e parcerias demonstra-se

ação profícua para o enfrentamento de desafios gestacionais como deficiência de recursos humanos, orçamentários e desinteresse institucional relativo ao patrimônio cultural universitário.

Conforme observado em Mendonça Júnior (2016), a pluralidade do patrimônio cultural universitário manifesta-se em sua formação e divulgação. Para este trabalho, enfatiza-se ainda que brevemente o patrimônio cultural universitário originário de práticas científicas, especificamente no âmbito do ensino, demonstração e produção de conhecimento no campo científico-tecnológico. A ampliação desta discussão exige integração de perspectivas que transcendam as fronteiras tradicionais da ciência e museologia.

Neste contexto, as universidades como espaços de intensa produção e difusão do conhecimento carregam responsabilidade pela inovação e avanço científico. Porém, uma função secundária, ainda negligenciada, demanda atenção: a preservação de registros e acervos. Para Handfas, Granato e Lourenço (2016), esta tarefa implica repensar critérios valorativos e estabelecer métodos que contemplem dimensões materiais e imateriais dos saberes produzidos. Ao reconhecer o valor histórico-cultural de objetos, documentos e práticas científicas, abre-se espaço para gestão que privilegie memória institucional e legado científico.

A articulação entre profissionais que operam diretamente com acervos documentais contribui para compreensão abrangente das especificidades dos conjuntos universitários. Esta colaboração favorece a identificação dos elementos constitutivos da identidade científica institucional e permite a elaboração de estratégias dialogantes com distintas áreas do saber.

Entretanto, desafios práticos para preservação de acervos ainda se colocam de forma contundente. Fragilidade infraestrutural, escassez de recursos financeiros e carência de profissionais

especializados comprometem frequentemente a integridade de registros e objetos históricos. Os autores indicam variável importante: transformar a percepção de "ferramenta de trabalho" em "documento patrimonial" requer mudança paradigmática no ambiente acadêmico, onde a valorização de acervos deve constituir elemento intrínseco à missão institucional (Handfas; Granato; Lourenço, 2016).

Estas análises conformam o conjunto de discussões sobre patrimônio cultural universitário e, especificamente, museus universitários de ciência e tecnologia. O estudo de instrumentos científicos, demonstrações, ensino e pesquisa científica, e dos espaços que abrigam cientistas evidencia a aproximação entre museologia e história da ciência neste nicho patrimonial.

Respeitando a pluralidade de objetos que compõem o patrimônio universitário, é relevante destacar nesta pesquisa aqueles artefatos que foram utilizados para demonstração, ensino e pesquisa no campo das ciências. Estes objetos, que ora estão esquecidos em depósitos e almoxarifados, ora estão dispostos em salas e exposições museológicas, contam a trajetória do ensino e da pesquisa no país. Para Handfas, Granato e Lourenço:

> O patrimônio cultural universitário de C&T guarda relação com a imensa, dinâmica e multidisciplinar produção científica e tecnológica na universidade. Ainda que representem uma parte pequena de tudo o que poderia vir a ser patrimônio, muitos objetos e conjuntos de objetos de C&T são guardados por variados motivos e em condições distintas. Por vezes formam acervos e coleções musealizadas ou restam apenas como objetos dispersos guardados sem qualquer tratamento museológico." (Handfas; Granato; Lourenço, 2016, p. 9).

Ainda no seio desta discussão, é possível notar que muitos dos organismos que se declaram museus são um amontoado de objetos enumerados ou dispostos em fileiras, em salas e corredores dos departamentos e institutos vinculados às universidades, sem apresentar documentação legal e organizacional. Em situações como essas, a preservação do material escolhido se concretiza na figura de algum funcionário que tem um apego afetivo ou que reconhece o valor cultural, histórico, informacional e simbólico daquele conjunto de objetos.

Outra variável relevante que cabe ser elencada neste artigo é a inovação e a necessidade de produção de resultados atrelados ao trabalho dos laboratórios e salas de aula. Isto é, a produção e o desenvolvimento do conhecimento se faz presente na característica evolutiva dos objetos e instrumentos. Podemos utilizar como exemplo um laboratório de cristalografia. A cristalografia é um campo de estudos da física de materiais que analisa as características estruturais dos cristais, sendo eles monocristais, policristais, sólidos amorfos, cristais líquidos, polímeros e géis. Para essa análise, é necessária a utilização de microscópios refratores e microscópios de luz polarizada. Com o desenvolvimento científico e o progresso tecnológico, pode-se observar a troca desses equipamentos, antes analógicos e robustos, por equipamentos eletrônicos de maior precisão. E esse não é o único fator. Na ótica de Handfas, Granato e Lourenço (2016), outras situações também impactam negativamente na preservação e valorização do patrimônio científico universitário, como:

> "(...) mudança nas agendas de pesquisa dos cientistas; problemas de espaço nos laboratórios causados por novas aquisições oriundas de novos financiamentos à pesquisa; a rotina de desgaste no uso dos equipamentos e instrumentos

> e sua customização para atender outras necessidades de pesquisa; sucateamento precoce de equipamentos em razão de troca por mais modernos; mudanças no quadro de pesquisadores das instituições com a saída de cientistas mais antigos, dentre outras situações e condições inerentes à missão das universidades." (Handfas; Granato; Lourenço; 2016, p. 10).

Para encerrar, evidenciam-se debates complementares aos aqui apresentados, particularmente a capacidade dos museus universitários em preservar, comunicar e investigar suas coleções. Marta Lourenço e Lydia Wilson (2013) salientam, exemplarmente, a necessidade de as instituições conferirem atenção especial aos objetos dispersos, ainda não identificados nem valorizados pelos museus.

Sinteticamente, museus e coleções universitárias constituem espaços onde o patrimônio cultural e a ciência devem estabelecer diálogo em benefício da sociedade. Conforme discutido nas reflexões de Ribeiro et al. (2019) e Mendonça Júnior (2016), estes acervos integram-se ao processo científico, pedagógico e social universitário, contribuindo para preservação da memória histórica e promoção do conhecimento científico. Importa sublinhar que os desafios estruturais enfrentados, carência de recursos, ausência de pessoal qualificado e, frequentemente, deficiência de governança que constituem pontos nodais no processo de valorização do patrimônio cultural universitário.

Relativamente às coleções de ciência e tecnologia, este debate aprofunda-se nas questões de reconhecimento e valorização de tais objetos. Os espaços de custódia e sua apresentação nem sempre se revelam adequados à divulgação e investigação. Destarte, seu estudo e valorização tornam-se imprescindíveis tanto para o

fortalecimento do patrimônio cultural universitário quanto para a evolução das práticas museológicas contemporâneas.

3 Cultura material: abordagens teóricas e implicações museológicas

De forma ampla, a cultura material, enquanto campo de estudo, examina os objetos como expressões das relações sociais, valores e sistemas simbólicos. É nesse sentido que serão desdobrados alguns caminhos para a compreensão da cultura material em seu amplo espectro na relação com os museus e a museologia. Não se objetiva esgotar as relações epistemológicas pois para isso se requer um fôlego maior.

Para Carvalho (2018), a cultura material permite compreender as formas pelas quais os objetos estruturam o cotidiano e refletem hierarquias sociais, gênero e identidades. Gonçalves (2003) reforça que o objeto musealizado é um mediador simbólico que adquire novos sentidos ao ser inserido no contexto museológico.

A consolidação do campo de estudos cultura material no Brasil se deve muito a autores como Ulpiano Bezerra de Meneses, cujas contribuições teóricas redefiniram o papel dos objetos na pesquisa histórica e museológica. Meneses (1998, 2000) argumenta que a cultura material não se resume a documento ilustrativo da história; antes, constitui evidência primária e fonte autônoma de conhecimento. Para o autor, o objeto material oferece dimensões de conhecimento que documentos textuais não alcançam, particularmente aquelas relacionadas às práticas quotidianas, aos valores não verbalizados e às experiências corporais (Meneses 1998).

Esta perspectiva é particularmente relevante para museus universitários que custodiam objetos frutos de relações científicas e pedagógicas no âmbito da sociedade. Meneses (2000) propõe que estes objetos não devem ser compreendidos isoladamente, mas em relação aos "campos de significação" nos quais foram produzidos, utilizados e ressignificados. Um microscópio antigo, por exemplo, não é apenas testemunho de uma tecnologia pretérita, mas nó articulador entre conhecimentos biológicos, práticas pedagógicas, hierarquias disciplinares e sistemas de valor científico (Meneses 2000).

Quando Ulpiano T. Bezerra de Meneses enfrentou, em 1983, a questão de como historiadores (particularmente aqueles que estudam sociedades antigas) lidam com a materialidade, identificou como ponto de atenção como a tradição historiográfica tende sistematicamente a negligenciar, marginalizar ou instrumentalizar a cultura material.

Sua argumentação central é que cultura material quando adequadamente interpelada oferece acesso a dimensões simbólicas indisponíveis através de outras fontes. O autor nos oferece a definição de cultura material que se tornou usual no Brasil: "aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem" (Meneses, 1983, p. 111).

Esta definição, carrega profundidade teórica: não se trata de objetos em si, em sua pura existência natural, mas de apropriação social, isto é, de como humanos transformam o ambiente físico conforme planos culturalmente ditados. Meneses (1983) enfatiza que esta apropriação abrange "artefatos portáteis, cerâmicas, ferramentas, moedas, mas também estruturas habitacionais, modificações de paisagem, o corpo humano e suas marcas, arranjos espaciais e, ainda, certos animais domesticados" (Meneses, 1983, p. 112).

Nesse sentido, o autor transcende a materialidade como registro de algo. Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1983) reforça o caráter simbólico e a agência dos objetos. Em sua defesa, o autor propõe um olhar cadenciado para os objetos e a estruturação de um aparato informacional para a sua interpretação. Esta leitura nos guia para o campo dos museus no que tange ao reflexo da musealização como processo simbólico de entrada do objeto no campo artificial do museu e sua representação de um contexto maior.

Daniel Miller (2010) sustenta que os objetos não são "meramente culturais" ou expressões de valores pré-existentes, mas atores constitutivos de suas redes. Para Miller (2010), investigar a cultura material significa compreender como as pessoas e as coisas se fazem mutuamente através de processos de apropriação, uso e transformação.

Esta perspectiva de Miller (1987) adquire particular relevância em contextos de museus universitários, onde os instrumentos e as coleções frequentemente sofrem modificações, adaptações e reusos conforme as demandas de pesquisa evoluem. Um equipamento de laboratório não é apenas «ferramenta fixa»; é uma entidade em permanente relação com pesquisadores, estudantes, financiadores e agendas científicas. A musealização, nesta ótica, não encerra o objeto em significado único, mas abre possibilidades para múltiplas interpretações e apropriações.

Já a teoria de Arjun Appadurai (1986) oferece complementação profícua ao trazer para a discussão sobre a vida social das coisas. Appadurai (1986) argumenta que objetos possuem trajetórias, migram entre contextos de significação, e acumulam histórias. No caso de acervos universitários, os objetos frequentemente experimentam migrações radicais: de ferramentas de produção de conhecimento a documentos históricos, de recursos funcionais

a símbolos institucionais. Compreender estas trajetórias é central para práticas museológicas.

Nesse sentido, Meneses (1983; 2000) nos demonstra que objetos são fontes autônomas de saber indisponíveis em outras formas de documentação, Miller (1987) nos revela que estes mesmos objetos continuam agindo, estruturando práticas e significados mesmo após sua musealização, enquanto Appadurai (1986) nos apresenta o caráter móvel e histórico das trajetórias objetais. Nesta convergência teórica, os museus universitários emergem como instituições cujo papel transcende a preservação. Se mostram como espaços onde a universidade interroga criticamente suas próprias práticas científicas e pedagógicas por meio da materialidade que as constitui. Os objetos que habitam seus acervos, sejam eles instrumentos de laboratório, coleções científicas, coleções didáticas, documentos de arquivos e outras formas materiais, não são apenas testemunhos de um passado, mas são documentos vivos que continuam a questionar, a revelar silenciamentos, a mediar entre diferentes formas de compreensão do conhecimento.

4 Breves discussões sobre a relação entre cultura material e museus universitários: deveres contemporâneos

A intersecção entre museus universitários e cultura material constitui território fecundo para compreensão crítica de como instituições de ensino superior lidam com seus próprios legados, memórias e responsabilidades públicas. Não se trata apenas de questões técnicas de preservação ou conservação, mas envolve fundamentalmente, interrogações sobre a forma de produção de conhecimento que será reverberado, sobre quais narrativas são

visibilizadas ou silenciadas, e como objetos continuam agenciando significados em contextos profundamente transformados.

Este trecho propõe examinar essa intersecção por meio de estudos de caso concretos e perspectivas teóricas que iluminam tanto potencialidades quanto vulnerabilidades dos museus universitários contemporâneos. Como observado anteriormente, os museus universitários se materializam em suas múltiplas configurações e estruturas. Podem ser grandes estruturas hierarquizadas com organogramas e orçamentos próprios ou podem ser espaços improvisados com estruturas precárias e sem financiamento, tornando-se vulneráveis dentro do ecossistema universitário.

Esta vulnerabilidade manifesta-se de múltiplas formas. Handfas, Granato e Lourenço (2016) dizem que a fragilidade infraestrutural, escassez de recursos financeiros e carência de profissionais especializados comprometem frequentemente a integridade de registros e objetos históricos. Os autores elucidam com dados concretos e afirmam que muitos laboratórios universitários carecem de espaço adequado para armazenamento de instrumentos obsoletos, resultando em deterioração acelerada de equipamentos que poderiam constituir patrimônio valioso.

Os autores ainda identificam problema que transcende as questões materiais como transformar a percepção de 'ferramenta de trabalho' em 'documento patrimonial' requer mudança paradigmática no ambiente acadêmico, onde a valorização de acervos deve constituir elemento intrínseco à missão institucional (Handfas; Granato; Lourenço, 2016; Gil, 2005). Este é o diagnóstico que vai ao cerne da questão e demonstra que não basta construir espaços de guarda e exposições ou contratar corpo técnico, mas é necessária uma transformação de mentalidades sobre o que a universidade considera como o seu patrimônio cultural.

Podemos compreender que, de forma geral, a responsabilidade dos museus universitários ultrapassa a guarda e envolve a curadoria crítica, a acessibilidade dos acervos e o compromisso com a pluralidade de narrativas. Esta formulação é central porque reposiciona o fazer museológico em contexto universitário na contemporaneidade. Neste sentido os autores propõem uma discussão pautada em três pilares que podem contribuir para os deveres contemporâneos dos museus universitários. Esses pilares são, com base no estudo referenciado neste texto, a "curadoria crítica", a "acessibilidade dos acervos" e, por fim, a "pluralidade de narrativas".

A curadoria crítica, conforme conceituada pelos autores, não significa exclusivamente seleção de objetos para exposição. Significa interrogação deliberada sobre quais objetos foram preservados, quem escolheu preservá-los, quais narrativas suas presenças no museu reforçam, e quais silenciamentos elas perpetuam. Em contextos de pesquisa científica, frequentemente objetos relacionados a cientistas renomados ou a linhas de pesquisa consideradas de alto impacto recebem atenção desproporcional. Entretanto, "trabalhos técnicos, práticas de laboratório ordinárias e contribuições de mulheres, pesquisadores marginalizados, permanecem com apresentação desproporcional na narrativa e nos estudos do museu (Handfas; Granato; Lourenço, 2016).

A acessibilidade dos acervos, envolve tanto dimensão física quanto interpretativa. Os museus que mantêm coleções restritas a pesquisadores especializados, inacessíveis ao público geral, falham em cumprir a responsabilidade educacional fundamental. Isto não significa permitir o acesso indiscriminadamente, mas significa criar condições para que múltiplos públicos possam engajar-se com acervos conforme seus diferentes interesses e capacidades (Gil, 2005).

O terceiro aspecto, entendido como o compromisso com a pluralidade de narrativas, é talvez o mais desafiador. Um objeto pode ser interpretado como marcador de progresso tecnológico, como símbolo de exclusão se apenas cientistas privilegiados tiverem acesso, como testemunho de práticas pedagógicas específicas, como documento de hierarquias de gênero em ciência. Curadorias que acolhem esta multiplicidade exercem forma de epistemologia política, desafiando narrativas hegemônicas sobre o que conta como ciência legítima.

A intersecção entre cultura material e museus universitários não é, portanto, somente uma questão técnica ou administrativa. É uma questão fundamentalmente política e epistemológica. Sugere uma relação indivíduo e sociedade no que tange aos usos, desusos e promoção do patrimônio universitário. Sua compreensão como documento e sua preservação está relacionada a uma agência potencialmente vasta do campo cultural.

5 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo central compreender as interseções teóricas entre museus universitários e cultura material investigando como essas instituições se posicionam frente aos desafios contemporâneos de produção de conhecimento sobre seus acervos. Os resultados da investigação demonstram que museus universitários constituem espaços estratégicos cuja relevância transcende funções de guarda e exposição. Constatou-se que estas instituições funcionam simultaneamente como ambientes de salvaguarda de objetos e como pontes promotoras de diálogo entre conhecimento científico e sociedade, configurando-se como mediadores simbólicos entre a materialidade das práticas acadêmicas e a compreensão pública do ensino, da pesquisa e da

extensão universitária.

Os diversos tipos de acervos universitários, desde artefatos científico-tecnológicos até bens artísticos e documentais, refletem a pluralidade do saber universitário, conferindo aos museus papel estratégico na preservação da memória acadêmica e institucional. Identificou-se, contudo, que muitos museus universitários enfrentam vulnerabilidade estrutural significativa, marcada por fragilidade infraestrutural, escassez de recursos financeiros e carência de profissionais especializados, comprometendo a integridade de seus acervos e sua capacidade de cumprir funções pedagógicas e investigativas.

A perspectiva teórica articulada neste artigo revelou-se particularmente fecunda para compreensão da agência e da vida social dos objetos musealizados. Demonstrou-se que cultura material oferece acesso a dimensões de conhecimento indisponíveis em outras formas de documentação, particularmente aquelas relacionadas às práticas do cotidiano. Os objetos, longe de constituírem meramente testemunhos passivos do passado, funcionam como atores constitutivos em redes de significação, continuando a estruturar práticas e produzir sentidos após sua musealização.

As implicações deste estudo são múltiplas e significativas para o campo da museologia e patrimônio cultural universitário. A primeira, buscou evidenciar a necessidade urgente de reposicionamento institucional dos museus universitários no âmbito da missão das universidades, incorporando-os estrategicamente nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão. A segunda, apontou para a imprescindibilidade de transformação paradigmática no ambiente acadêmico, onde a valorização de acervos deve constituir elemento intrínseco à identidade institucional, não sendo percebida como função secundária.

E a terceira, ressaltou que as responsabilidades museológicas contemporâneas expandem-se abrangendo uma narrativa crítica que questiona discursos hegemônicos, acessibilidade equitativa dos acervos e compromisso com pluralidade interpretativa.

A convergência de políticas integradas de gestão patrimonial, articulação interinstitucional através de redes como a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, e engajamento participativo de comunidades científicas emerge como condição fundamental para enfrentamento dos desafios estruturais identificados. Reconhece-se que quando os museus universitários assumem plenamente sua vocação investigativa sobre as próprias coleções, transformam-se em espaços onde a universidade reflete criticamente sobre suas práticas científicas, pedagógicas e institucionais, contribuindo significativamente para produção de conhecimento reflexivo e para fortalecimento do patrimônio cultural acadêmico brasileiro.

Referências

ALBUQUERQUE, Sônia da Costa de et al. Cultura material e pesquisa museológica: um estudo no Museu da Geodiversidade (IGEO-UFRJ). Cadernos de Pesquisa do CNPq, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 250–276, jan./jun. 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/172918. Acesso em: 10 jun. 2025.

APPADURAI, Arjun. The social life of things: commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Revista de História, n. 115, p. 103-117, 1983.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. Memória e cultura material: Documentos pessoais na pesquisa histórica. Cadernos de História, Uberlândia, v. 10, n. 12, p. 5-19, 1998.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 9-24, 2000.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material, espaço doméstico e musealização. Varia História, Belo Horizonte, v. 34, n. 65, p. 241–264, maio/ago. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-87752018000200005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/vh/a/nRcCphX8P3s6Fnwv6nhz4HR/. Acesso em: 10 jun. 2025.

REIS, Ana Paula; DUARTE, Regina Célia Lima. Curadoria em museus de história: a experiência do Museu Paulista da USP. Revista de Estudios Sociales, Bogotá, n. 62, p. 78–89, abr. 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81556504008. Acesso em: 10 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Museus da UFRGS: documentação, prática educativa e extensão. Wikipedia: a enciclopédia livre, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museus_da_UFRGS. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Estatuto dos museus. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>.Acesso em: 25 de jan. 2025.

GIL, F. B. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. In: SEMEDO, A.; SILVA, A. C. F. da.Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários:homenagem a Fernando Bragança Gil. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens, Ciência da Informação, v.33, n. 1, p.55 -67, 2004

HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta Catarino. O Patrimônio Cultural Universitário de Ciência e Tecnologia: os acervos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2, 20 p. set./dez. 2016.

LOURENÇO, M. C.; WILSON, L. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. Studies in History and Philosophy of Science, v.44, p.744-753, 2013. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0039368113000538> Acesso em: 06/02/2025

MANTOVANI, André Luiz. FAÇA-SE A LUZ: modernidade e demandas sociais na eletrificação da iluminação pública em Ouro Preto, 1880-1920. 2005. Monografia (Bacharelado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2005. Orientadora: Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes.

MAROEVIC, Ivo. O papel da musealidade na preservação da memória. Texto apresentado no Congresso Anual do ICOFOM – Museologia e Memória. Paris, 1997. Trad. Tereza Scheiner.

MAROEVIĆ, Ivo. The museum object as a document. SYMPOSIUM OBJECT-DOCUMENT. 1994. Beijing. Proceedings...Beijing: ICOM, 1994. p. 113-119. (ICOFOM Study Series, 23).

MENSCH, Peter. van. Towards a methodology of museology. ms. doctoral dissertation, Zagreb 1992.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. Museologia & Interdisciplinaridade, v. 11, n. 4, p. 88-102, maio/jun. 2018.

RIBEIRO, Emanuela Sousa; SEGANTINI, Verona Campos; GRANATO, Marcus. Museus e patrimônio cultural universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In: ARAÚJO, B. M. et al. Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: UFPE, 2019.

SILVA, Maurício Cândido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, v. 32, n. 2, p. 297-309, 2019.

Stransky, Z.Z. Metodologicke otazky dokumentace soutasnosti. Muzeologicke sesity, v. 5, p. 13-43, 1974. (Traduzido por IA).

MENDONÇA JÚNIOR, Anselmo. Patrimônio Cultural Universitário: estratégias para obtenção do poder de definição do patrimônio cultural da Universidade Federal de Pernambuco. 2016. Dissertação (Mestrado) \u2013 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro.

MILLER, Daniel. Material culture and mass consumption. Oxford: Basil Blackwell, 1987.